

HEPTAPHONON,

OU

PORTICO

DE SETTE VOZES.

LUCTUOSO OBSEQUIO, E FUNERAL CULTO,

CONSAGRADO A' MAGESTADE DEFUNTA

A SEMPRE AUGUSTISSIMA RAINHA, E N.S.

D. MARIA SOFIA

ISABEL DE NEOBURG,

DEDICADO

No sacro culto, & protecçãõ gloriosa do Apostolo do Oriente

S. FRANCISCO XAVIER.

ESCREVEU O

PASCOAL RIBEYRO COUTINHO.



L I S B O A.

Na Officina de MANOEL LOPES FERREYRA.

M. DC. XC. IX.

Com todas as licenças necessarias.

HEPTAPHONON
OU

PORTICO

DE SETTE VOZES
LUCTUOSO ORSEQUIO FUNERAL CULTO,
CONSRVADO A MAJESTADE DEPUTA
A SEMPRE AUGUSTISSIMA RAINDA N.S.

D. MARIA SOFIA
ISABEL DE NEORBURG

S. FRANCISCO XAVIER

PASCOAL RIBEYRO COUTINHO



L I S B O A

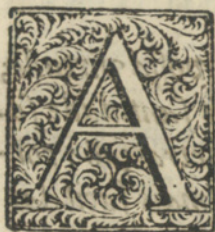
Na Officia de MANOEL LOPES FERREIRA

M. DC. XC. IX

Com todas as licenças necessarias



AO GLORIOSO, E BEMAVENTURADO
S. FRANCISCO XAVIER
DEDICATORIA.



ASSIM como fora improprio culto, render nas aras do sanguinolento Marte a lyra do flãmigero Apollo, assim fora alheyo obsequio sacrificar no altar de outra Deidade o lamentavel Portico, donde o nosso sentimento delineou da Serenissima Rainha nossa senhora a sèpre sentida morte: porque se antes deste formidavel golpe foy esta Senhora da vossa inextinguivel luz, ou Aguia Imperial, ou Heliotropio amante, por precisa obrigaçã toca ao vosso patrocínio, vendo este meu rendimento, a defenza, o amparo, e a protecçã, no conhecimento de estar aquella Aguia sem o exercicio dos voos, e aquella Heliotropio sem o uso dos gyros.

Muyto antigo he o costume de se valerem do favor dos Mecenas, ainda aquelles que com felicidade creou o Ceo, e polio a sciencia para oraculos dos futuros, assegurando sempre a fortuna dos seus rasgos na esclarecida

cida protecção dos mais illustres titulos; entre os muitos,
E grandes q̄ a vossa virtude deu aquella Portuguesa
penha, que tanto encheo o mundo de inveja, como a Pa-
tria de gloria, foy hum o de Segurador.

E vêdo eu q̄ os vossos seguros preualecê contra os ris-
cos do mar, E os perigos da terra; pois assi na terra, co-
mo no mar não ha riscos, nem perigos, quando temos da
nossa parte os vossos seguros, vos busco cõ o titulo de Se-
gurador, para me segurardes da calúnia, q̄ he o mayor
perigo, E o risco mayor, que no mar da publicidade pô-
de encontrar o mal guarnecido bayxel da minha con-
fiança.

Não será este o primeyro milagre da vossa virtude;
mas será muyto grãde prodigio da vossa santidade se-
gurarme do risco quasi inevitavel da detracção: por-
que tem mostrado a experiencia, que he mais facil dar
fala a hum mudo, que suspender a lingua de hum mal-
dizente.

Prodigiosa foy a vossa em as partes do Oriente, tro-
cando a doçura dos vicios, em que vivia tanta gentili-
dade cega, nos uteis, ainda que amargosos, sabores do
arrependimêto. Agora o vosso poder como sempre grã-
de, fará que o ingostavel fel da calumnia se converta
no appetecivel nectar do louvor.

E se o papel de meus demeritos por grosseyro he in-
capaz de se imprimirem nelle os caracteres dos vossos
favores, suppra o assumpto, que he regio, heroyco, E
digno do vosso amparo, por ser daquella senhora, aonde
cõ universal admiracão, depois de uniformes, se virão
entho-

V
enthronizadas a Magestade, E a Virtude, não se
unindo muytas vezes em hum throno a Virtude com a
Magestade; esta porque funda o seu imperio na sove-
rania, E aquella porq estriba o seu solio na humildade.

Mas se este motivo ainda sendo taõ forçoso, não
adquire em seu favor o vosso patrocínio, *suppra*, oh glo-
rioso Xavier, daquella Serenissima senhora a ardente
devoção, com que desvelada borboleta sollicitava a luz
da vossa virtude; *suppra* aquella liberalidade, cõ que
imitando de Salamaõ a sabedoria, E a grandesa, af-
sim como elle fez em Ferusalem casa ao Senhor, *assim*
ella em a Cidade de Beja vos fez casa. *Suppra* aquella
affectuosa lembrança, com que nos amenos adornos de
seus braços trazia esculpida como a Esposa dos Can-
tares, a vossa sagrada Effigie. *Suppra* finalmente aquel-
la constante Fé na vossa protecção, para alcançar do
Ceo o mayor favor que elle faz aos Monarcas da ter-
ra, que he a successão: confessando por repetidas vezes
o seu agradecimento, que esta que logra Portugal com
tãta admiração de hũas nações, como inveja de outras,
a deve aos implacaveis rogos da vossa intercessão.

111. p. 2

Paralip 21
cap. 3.

Cant. c. 8.

Menos motivos bastavaõ a vossa generosidade pa-
ra o amparo deste Portico; porque os Principes da vos-
sa qualidade não são como as immutaveis rochas,
sempre surdas as vozes do Oceano; são como a taça,
que chea de crystallino licor, ao mais leve toque da mão
que a sollicita, toda se derrama em favores, toda se es-
palha em generosidades.

Hora meu prodigioso Santo, se ao bayxel que das
prayas

HEBRA

prayas do Sanchão cõduzio o vosso milagroso cada ver
ao magnifico sepulcro, que a esperava em Goa, livras-
tes por sette vezes da soberba furia das ondas, que dis-
cretamente ambiciosas, queriaõ guardar em seu seyo
taõ soberana reliquia; este Portico por ser de sette vo-
zes, E por ter em seu frontespicio o vosso esclarecido
nome, tãbem merece ser amparado do vosso patrocinio.

Reg. 1. c. 17

Naquella pedra, que com preminencias de bala
prostrou o portatil castello de Goliath, diz o Padre Ma-
galianno que hia esculpido o nome de Jesu narve.

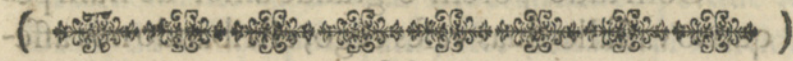
O vosso nome tambem vay gravado neste frontes-
picio, cuja singular virtude prostrarã os gigantes da
emulaçãõ, mais para temidos, que os que fizeraõ guer-
ra a Fove.

Aceytay pois nas vossas benignas aras esta dadiva
rica, de laturador pobre, que os animos como o vosso,
revestidos de generosidade, como conhecem os affectos,
tanto estimaõ o grande sacrificio de mil vaccas, como
a pequena offerta de hum cordeyro.

Vosso mais humilde devoto,

PASCOAL RIBEYRO.

HEPTA.



HEPTAPHONON, OU PORTICO DE SETTE VOZES.

Que temerarias são as azas do amor com as penas do sentimento; parece-lhe que incitando o discurso, voa à esfera do desafogo, & fica o voo queda, & o arrojo desmayo, não podendo o discurso com rhetoricos periodos descifrar do sentimento os lamentaveis estragos.

Grande he o curso do decantado Nilo; mas por mais que se extendão suas crystallinas corrétes, tem limite nas areas douradas. Grande he a elevação do inacessivel Tauro; mas por mais que levante a republica de suas vegetaveis plantas a conversar cõ as Estrellas, termina sua grandesa, & para sua elevação. Grande he o fluctuante corpo do inconstante Oceano; mas por mais que logre de magno os privilegios, suspende a fluida soberba de suas ondas nas balizas das immoveis prayas.

Só o nosso sentimento por mais que se dilate Nilo, não tem limite a sua magoa; por mais que se leve Tauro, não tem termo a sua dor; por mais que se espraye Oceano, não para a sua pena: porque excede a pena, a dor, & a magoa do nosso sentimento, ao agitado curso do Nilo, a eminécia do Tauro, & à dilatada circunferencia do Oceano. Com

Com tudo porém o grande amor de hum pequeno vassallo, duas vezes cego, estribando nos affectos as temeridades, desafoga o coração pelos meatos da penna; & se esta não differ o muyto q̄ sente, será porque de sentida, não acerte com o pouco que sabe: que em casos tão lamentaveis os desacertos do juizo tem disculpa, porque tem bastante causa o juizo para os desacertos.

Fluctuava o coração em mares de pena, naufragavaõ os olhos em pégos de magoa, quando o discurso fez tregoa com o sentimento; & supposto que foraõ por poucas horas, nellas pude cõsiderar a proporção de hum simile, que como fio de ouro, encaminhasse ao dircurso em tão penoso labyrintho, figurando com algũa propriedade o objecto q̄ choramos defunto, o golpe que sentimos irremediavel, como tambem o felicissimo numero septenario, por ser aquelle com que a Augustissima senhora secundou, arvore genealogica, o Reyno de Principes, os corações de alvoroços, & a todo o mudo de invejas.

Plin. l. 36.
cap. 15.

Conta Plinio, secretario da natureza, entre as maravilhas da arte, que na celebre Cidade Olympia, primoroso artifice erigio hum tão elegante Portico, que dando-se nelle hũ golpe, por sette angulos correspondia com sette harmoniosas vozes. Chamava-se esta relevante fabrica entre os Gregos Heptaphonon, que val o mesmo que Portico de sette vozes, & eu lhe chamára imagem do agradecimento,

Com a circunferencia do Oceano

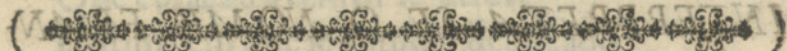
ou semelhante da Divina Liberalidade: porque se Deos dà cento por hum, este admiravel Portico correspondia a hum com sette.

Naõ em a Cidade Olympia, mas na Corte de Portugal, a sempre grande, & agora mayor no sentimento Lisboa, admirámos com fervoroso gosto, venerámos com obsequioso respeyto, & choramos cõ incomprehensivel pesar, aquelle animado Portico, a Serenissima Rainha nossa senhora D. MARIA SOFIA ISABEL DE NEOBURG, Portico que ideou o Artifice Divino com taõ regias, & singulares prendas, quantas chora defuntas a nossa magoa, na ruina lamentavel da sua morte; compondo-se o jardim da sua vida daquellas flores, que com absoluto poder naõ temem a jurisdicção do tempo, nem o golpe da fragilidade; porque nella se viraõ os incendios da Caridade mais abrafados que a rosa em purpuras; a pureza de Fé mais terça, que o jasmim em candores; os affectos da Oraçãõ mais constantes, que da flor gigante os gyros; enfim taõ devota, & taõ observante de todas as virtudes, que naõ houve na esféra da perseyção Sol de virtude, a quem naõ seguisssem os voos da sua observancia.

Neste regio, & memoravel Portico com duraçãõ exemplar de trinta & tres annos de vida, a morte taõ invejosa das nossas felicidades, como cega em suas execuções deu aquelle fatal golpe, a cujo estrondo responderãõ (na nossa consideraçãõ) as sette la-

mentaveis vòzes dos sempre Augustíffimos Príncipes, em que se deyxou a fraquella Senhora, que os deyxou para nós; os feis, que vivem para alivio da nossa saúdade, levantarão as vòzes cá da terra para o Ceo; o que existe na Bemaventurança, proferirá a sua voz lá do Ceo cá para a terra; sendo assumptos de seus brados sentidos, a interpretação de seus nomes soberanos. Todos uniformes, como Aguias elevadas, fitarão os olhos na causa que não podem remediar com lagrymas; & cada hum separadõ verterá muytas em obsequio daquella Senhora, que tanto os trazia nos olhos.

Saya pois ao theatro da pena em primeyro lugar o Sereníffimo Príncipe o Senhor Dom Joaõ, & pois logra dignamête a primazia para a possessão do Lusitano sceptro, corresponda á sua obrigação, sendo o primeyro no sentimento.



INTERPRETA-SE O NOME JOAM

*Dom do Senhor: Joannes, idest, Domini donum;
 E o Augustissimo Principe o Senhor Dom Joaõ,
 na voz que levanta ao Ceo, mostra a perda do ma-
 yor Dom, na falta do melhor bem.*

S O N E T O.

Que importa o regio Iceptro sempre Augusto,
 Que manda ao Indo, que obedece o Tejo,
 Se o bem todo, a que aspira o meu desejo,
 Justo poder levou com golpe injusto.
 Sem ti he a Coroa hum aureo fusto,
 Contigo nenhum mal me era lobejo;
 Vi a gloria, & a pena agora vejo,
 Fatal commutação, golpe robusto.
 Se observeo bem (oh Parca!) os deshumanos
 Golpes da tua ira, & minha idade,
 Parece que ainda são mais que tyranos.
 Só devo á tua cega iniquidade
 O fiars do affecto de dez annos
 Dor que não cabe numa eternidade.

Class. Rom.
 in leg. 2.
 Sicut allego
 verb. Joann.

Que
 mais puro
 desfolhado

Clau. Rot.
in leg. Sã.
Rev. d. 4.
Offob.

INTERPRETA-SE O NOME FRAN-
cisco Magnanimidade de coração generoso: Fran-
ciscus, idest, Magnanimitas in corde; E o Au-
gustissimo Infante o Senhor Dom Francisco, se van-
ta a voz, mostrando de seu coração a grandeza, no
sentimento de tão irremediavel ruina.

O Y T A V A S.

Refiste o coração duro, & constante,
A todos os inventos da crueldade,
Cede porém afflicto, & vacillante,
Ao menor golpe de hũa saudade:
Nesta pena se vê que he de diamante
Este que anima tão pueril idade;
Pois ferido de tão activo rayo,
Nem padece deliquio, nem desmayo.
Que coração, que peyto resistira
Ao fatal golpe, em tudo deshumano,
Por mais que o revestisse a mesma ira
Das indifeveis forças do Thebano:
Só tu Xavier, reconhecendo a pyra,
Te inculcas muytas vezes soberano;
Oh coração invicto entre os pesares,
Immovel rocha, que despreza os mares!
Vejo o Sol (elle diz) em tumba breve,
Vejo o dia entre horrores sepultado,
Escurecida em sombra a mesma neve,
E o mais puro jasmim já desfolhado: Que

Que coração a resistir se atreve
 Lastima em que se admira debuxado
 Hum pesar, que levou com golpe duro
 O Sol, a neve, o dia, o jasmim puro.
 A pudibunda flor deliquios sente,
 Padece a estrella rigoroso ensayo;
 A fonte leva tumida a corrente,
 Tremula a luz não communica o rayo:
 Tudo emfim sepultou pena vehemente,
 Tudo emfim padeceo triste desmayo,
 Levando a dor, porque suspiros conte,
 A flor, a luz, a estrella, a clara fonte.
 Só esse coração constante, & forte,
 Resistir pôde em tão cruel ferida,
 Ver nas procellas que levanta a morte,
 Soçobrado o bayxel da melhor vida.
 Que pena bastaria a tanto córte?
 Quem sopportou já mais dor tão crescida,
 Sem que deyxasse em tão cruel arrojio
 Nas mãos da morte a vida por despojo?
 Se pôde de algum modo o sentimento
 Tornar a Pedro em pedra (oh magoa activa!)
 Executado em ti este tormento,
 A magoa te deyxou em pedra viva:
 Iguaes no amor, iguaes no sofrimento,
 Iguaes tambem em dor tão excessiva;
 Porque se lavre com excessso amante
 Hum diamante com outro diamante.

Se a vehemencia da pena em pedra existe,
 Esse da vida, golfo dilatado,
 Sepulta nelle aquelle objecto triste,
 Que em marmores se estreya sepultado:
 Se em seu materno claustro já te viste,
 Veja-se ella em teu peyto congelado,
 E feràs com affecto compassivo
 Da morta mãy hum monumento vivo.

INTERPRETA-SE O NOME ANTONIO

Rodulph.
 in vit. D.
 Anton.

*Flor: Antonius dicitur ab Anthos, qui Latine
 florem significat. E o Augustissimo Infante, o se-
 nhor Dom Antonio, na voz que levanta affectuoso,
 mostra o rigor com que esta morte o deyxou magoa-
 do; tanto por filho daquella Flor sepultada, quanto
 por Flor em tanto sentimento murcha.*

ROMANCE.

SE escreve o jacinto hũ ay Que faria a mesma pena
 no papel das folhas, dõde na flor do Infante raõ docil,
 em metamorfosis triste q̃ sem faltar aos de Marte,
 o deyxou a infausta sorte; logra os creditos de Adõnis!
 Quãtos ays, quãtos suspiros Que cobarde andou a Parca
 nesta tenra Flor se escondẽ, nesta acção q̃ o mũdo chore
 justamente motivados ostentando em Portugal
 no injusto rigor de hũ golpe as valentias com as flores.
 Se a falta daquella Estrella, Tema o tronco golpe duro,
 q̃ hũ duro marmore cobre, ameace rayo a torre,
 com a efficacia da magoa que prostrar soberanias
 fez sensitivos os bronzes; he credito dos valores.

Mas com flores ser cruel quebrar aquelle instrumêto
 he tyrannia taõ torpe, donde eraõ virtudes vozes.
 que só pôde achar disculpa A lastima com o Infante
 nos aspides mais informes. foi mais cruelmête enorme,
 Morta a mãy, sumerso o filho pois nos seguros da vida
 quem duvida q̄ assim fosse, bay segurando os rigores.
 que reciprocár finessas, Murchar pode o sentimento
 he acção de peytos nobres. a Flor, mas ninguem ignore,
 A's mãos da morte acabou q̄ como he da Aurora filha,
 aquelle racional Orbe; que novos alentos cobre.
 mas o Infante como flor, Brotará lá desse Empyreo
 ás mãos da lastima morre. perolas, com que renove
 Pode a morte em hũ instáte os desmayos que caulou
 (tanto o seu imperio pôde) deste sentimento a noyte.

INTERPRETA-SE O NOME TERESA, *O Desper-*
tad Sant.
no Serm. de
S. Teres.
a que despresas as cousas proprias: Teresia, terens
sua. E o Augustissimo nome da Serenissima Infante
a Senhora D. Teresa, levantando a voz, publica o
sentimento da sua magoa, despresando os alentos da
vida, os dotes da belleza, e os realces da sabedoria,
prendas com que liberal a dotou o Ceo, para admira-
ção da terra.

S Y L V A

Cortando o mar, espelho das estrellas
 Com favoravel vento abre as velas,
 Garça de pinho errante,
 Afegurando o bello no inconstante;

Mas

Mas em breves momentos
 (Tanto póde a inveja até nos ventos)
 Lastima debuxada em alabastros,
 A constancia dos mastros,
 E a soberba das velas presumidas,
 Caducáraõ nas ondas submergidas.
 A flammula que estende ao vago vento,
 Lhe servio de cometa, & de portento,
 Mostrando em hum proviso
 Mais que penacho, ser hum mudo aviso;
 Servindolhe hũa rocha em tal desmayo
 Ao mesmo tempo de sepulcro, & rayo.
 Desta sorte affligida
 Se acha da nossa Infante a cara vida,
 Fluctuante bayxel, que infeliz toca
 Naquella triste pyra, ou dura roca,
 Que a morte disfarçou em tudo errante,
 Para naufragio ser da nossa Infante.
 Melindroso coral, pompa gallarda,
 Adonde a Aurora guarda
 O thesouro das lagrymas que chora;
 Nasce a rosa senhora,
 Ao vegetavel vulgo das mais flores,
 Para ser com ventagens superiores
 Entre as admirações da natureza
 A mais perfeyta imagem da belleza.
 Mas apenas nascida
 Quando rustica maõ, mal advertida,

Sem respeytar a purpura cheyrosa;
 Vay pouco a pouco desfolhando a rosa,
 Que se foy livro, em cada folha escreve
 Da sua duraçãõ o termo breve;
 Cometa portentoso em tal desgraça,
 Pois em si executa o que ameaça.

A cruel maõ da Parca em hum instante

Na nossa Flor Infante
 Tanto imprime da pena a força dura,
 Que aquella fermosura,
 Que era dos olhos gloria desejada,
 Como flor desfolhada,
 Despresando candores,
 Só admitte os rigores,
 Vendo-se em magoa tanta
 Amortecida a flor, & morta a planta.

Resplandece na sala

Ardente tocha, que esplendor exhala;

Imagem da sciencia,

Communicando a lucida influencia

Por taõ diversos modos,

Que sem saltar a si, dà luz a todos.

Mas quando a ardente chamma

Mais no lufir se empenha, mais se inflamma,

A sopro defatado

Em ignorante peyto condensado,

Resplandores prostrando

Vay sombras animando,

Porque

Porque ordena a fortuna em seus rigores,
 Seja a tumba da luz berço de horrores,
 A discricião que mana
 Golfos de graça, vendo-a sempre ufana,
 Tocha sem luz em triste monumento,
 De tal sorte se entrega ao sentimento,
 Que mudamente absorta,
 Vive para sentir, para o mais morta.
 Emfim tudo despreza
 O real sentimento de Teresa,
 A vida no bayxel significada,
 A belleza na rosa debuxada,
 A discricião na tocha definida,
 Taõ magoada està, & taõ sentida.
 Mas que muyto, se falta à nossa Infante
 Hum bayxel de fortunas taõ possante,
 Que encheo com abundanças
 De venturas as nossas esperanças.
 Que muyto, que desmaye em sentimento,
 Se lhe falta hũa Flor de tanto alento,
 Que por lograrmos influencias bellas,
 Quantos fruttos nos deu, foraõ Estrellas.
 Que muyto emfim que viva entre retiros,
 Amante borboleta de suspiros,
 Se admira em Mauseolo preeminente
 Aquella tocha ardente,
 Que com vontade generosa, & pia,
 Por nos dar luz a si se consumia.

INTERPRETA-SE O NOME MANOEL, *sa. Alleg.*

Deos he commosco. : Emmanuel, idest, nobiscum *verb. Em-*

Deus. E o Augustissimo Infante, o senhor D. Ma *man.*

noel, na voz que levanta ao Ceo, inculca para ali

vio do nosso sentimento, que he Deos commosco, na

pia Fé de estar com Deos a Serenissima Rainha

nossa Senhora.

R O M A N C E .

B Em fey Lusã Monarquia Já submergida essa luz

q̄ cega a Parca, & traidora Portugal sentido chora,

os fios da melhor vida que receya os precipicios,

hoje intempestiva corta. o q̄ caminha entre sombras.

Trocado Agosto é Dezêbro, Suspende com tudo o prãto,

tanto a tēpestade engrossa, em q̄ naufrago te afogas,

que jaz em pyras de neve que a mesma ruina abriu

aquella esfera de aljofar. ao teu desamparo as portas.

Aquella fermosa nao, No Ceo tēs aquella Estrella,

que nos golfos de Lisboa ás tuas ditas taõ prompta,

tantas virtudes ostenta, que deffes mares de pena

como penachos tremola. farà enchentes de Gloria.

A pesar das nossas ditas, Daquelle indifivel ser, (cha,

jã fluctuante çoçobra, q̄ he de todo o mundo a to-

que sempre para as bellefas borboleta a suas luzes,

se fez a fortuna rocha. divinos incendios logra.

Oh Magestade infelice! Cõ Deos vive, & quē duvida,

oh sempre infelice pompa! que não perdendo amorosa

morta nas mãos da fortuna, aquelles regios affectos,

viva nas mãos da lisonja. q̄ cõnosco tambem mora.

Deos he cõnosco, (q̄ dita) Nesta Fé, nesta certesa,
 pois cõ Estrella taõ nosssa enxuga as lagrymas todas,
 podemos ter de justiça, pois adquiriste hũ diadema,
 as suas misericordias. quando perdeste hũa Croa.

Port. Grat.
 Tit. 42. fol.
 34º.

INTERPRETA-SE O NOME FRAN-
cisca, quando de Francisco derivado Corrente fer-
vorosa: Franciscus, idest, fluvius magnus; & o
Augustissimo nome da Serenissima Infante a Se-
nhora Dona Francisca, mostra na voz que levan-
ta em a sua pena, ser hũa fervorosa Corrente, ver-
tida a impulsos da sua magoa.

S E X T I L H A S

T Erribel Parca, porque o duro cõrte
 Esgrimiste atrevida?

E já que deste àquella vida morte,

Oh tira-me esta vida!

Mas já que o teu rigor este mal fragoa,

Das fontes dos meus olhos faya em agoa.

Saya o crystal que o coração derrama,

Que o meu amor mais deve;

E aquella viva, & sempre ardente chamma

Liquide a vida em neve;

Porque se veja em tanto defafogo

Nos olhos agoa, no coração fogo.

Ao mar da pena o gyro irey levando,

Sentindo eternamente;

E no mesmo crystal o peyto brando.

Trará

Trará nova corrente,
 Vendo-se em minhas ansias successivas
 Nas agoas mortas muytas magoas vivas.
 Bem póde já a douta Idrografia,
 Que sonda o mar profundo,
 Memorando o meu nome neste dia,
 Dar mais hum rio ao mundo,
 Dondè são com perpetuos movimentos
 Prantos ás agoas, & os suspiros ventos,
 Mas ay que hum grande rio não repára
 Daquelle mar defunto
 O crystal puro, a corrente clara,
 Donde se achava junto
 Com amplo, & com riquissimo thesouro,
 Tantas virtudes, como areas de ouro.
 Desta pena cruel, que em todos mora,
 A vida he contrastada,
 A minha mais, pois fuy desta senhora
 Duas vezes amada;
 Preferindo-me aquella maravilha,
 Hũa vez por Francisca, outra por filha.
 Se he devedora em termos taõ coherentes
 A vida a tanto affecto,
 Fação meus olhos já duas correntes
 Por taõ sentido objecto;
 Correspondendo a dor de meus pesares
 A dous grandes affectos com dous mares.

EM ULTIMO LUGAR LEVANTA A
 voz o soberano Principe, a quem o Ceo deu, & tirou
 o primeyro na terra; tanto faz a morte, ainda com
 as Magestades, pois lhe tira por defuntas aquella
 primasia, de que foraõ benemeritas.

Sylo. Alle.
 gat. verb.
 Ioan.

Interpreta-se o nome Joaõ em segundo lugar, mi-
 sericordias do Senhor: *Joannes, idest, Domini mise-*
ricordia; & tendo Portugal em o Ceo o Principe D.
 Joaõ, primicia que sacrificaraõ a Deos os nossos
 Augustissimos Monarcas, como não tera em seu fa-
 vor certas as misericordias divinas, se intercede para
 a concepção dellas o soberano empenho de hum
 Principe com privilegios de Anjo.

Definem os nomes as naturezas, & com mais pro-
 priedade em pessoas esclarecidas; no Imperio de Is-
 rael o diz o de David, no de Grecia o de Alexan-
 dre, no de Roma o de Cesar, no de França o de Luis,
 no de Hespanha o de Carlos, & no de Portugal o de
 Pedro, & de Joaõ; aquelle sendo pedra em o sofri-
 mento dos golpes, este sendo na interpretação do
 Senhor as misericordias.

Enxugue pois as saudosas lagrymas esta nossa
 Monarquia, pois tem na Celeste hum Valedor, que
 interpondo o seu nome, lhe assegura, não infra rui-
 nas futuras de presentes calamidades; pois se per-
 deo hũa Rainha, adquirio hũa Bemaventurada; que
 se

se da terra, aonde cingio a Coroa, impetrava as fortunas para o Rey, de quem foy esposa, para o Reyno, de quem foi columna, para os Principes de quem foy mãy, & para os vassallos de quem foy patrocínio; do Ceo aonde cinge o diadema, despachará as felicidades para os vassallos q̄ a amaõ, para os Principes que a suspiração, para o Reyno que a chora, & para o Rey que a lamenta.

E se com tudo permanece o teu sentimento, oh Portugal! (que quando he bem nascido sempre adspira a eterno) considera que foy a Serenissima Rainha em a sua morte, & depois della, como aquella mysteriosa fonte, que dilatando a corrente, passou a fer rio, & de rio se erigio em a esféra com lusimentos de Sol. *Est. cap. 10*

Foy fonte, que em Portugal abriu a liberalidade Divina como em o deserto, fecundando a Lusã Monarquia, mais que com golfos de agoa para refrigerio da sede, com enchentes de felicidades para estabilidade da Patria.

De fonte passou a rio, levando o curso de sua corrente ao mar da morte com taõ apressado gyro, quanto publica a duraçãõ de trinta & tres annos de vida; & destes doze em Portugal de Coroa.

De rio passou a fer Sol, & como Sol encherá o Reyno de luzes com tanta singularidade, que assim como para seus resplãdores não póde haver occasos, assim nossas fortunas favorecidas de suas luzes, não poderaõ padecer eclipses. Não

Naõ degenerẽ pois Portugal a tua constancia cõ
 a vehemencia da tua dor ; lembrando-te , para naõ
 acabares as mãos do teu generoso sentimento, que es
 hum Reyno para Deos estabelecido ; & que se elle
 por incomprehensiveis juizos levou para si a Serenissima Rainha nossa senhora , nem por isso se confundiraõ os fundamentos da tua perpetuação ; pois agora asseguraõ tuas posteridades , quem só as pôde segurar , que he Deos , & a Serenissima Rainha , que esta com elle ; ella como affectuosa deprecadora , naõ cessando com os rógos ; elle como Protector da tua estabilidade , cessando com semelhãtes castigos.

LAUS DEO.

Deus como em o deserto , lembrando a Lusitania
 partida , mais que com golos de agoa para beber
 rio da sede , com enches de felicidades para esta
 bilidade da Patria .
 De fonte passou a rio levando o curso de sua cor-
 rente ao mar da morte , com tao apressado gyro , du-
 to publicas durtas de terna & tres annos de vida ;
 & destes doze em Portugal de Coroa .
 De rio passou a ser Sol , & como Sol encheu o
 Reyno de luzes com tanta abundancia , que assim
 como para seus resplandores naõ pôde haver occasos ,
 assim nossas fortunas favorecidas de suas luzes , naõ
 poderaõ padecer eclipses .